

A educação de meninas em três atos: um estudo sobre as configurações sociais da feminilidade

Gabriela Michelan de Toni¹

Andrea Braga Moruzzi²

RESUMO

Esta pesquisa teve como finalidade investigar os fatores que constroem e fundamentam um modelo de educação para meninas, o qual se aponta ter como suporte os padrões de feminilidade difundidos socialmente. A investigação se pautou na análise de três livros que são direcionados às meninas, e que retratam sua educação em um determinado momento histórico, sendo eles: *As Meninas Exemplares* de Condessa de Ségur; *O Maravilhoso Livro das Meninas* de Rosemary Davidson e Sarah Vine e *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles. A análise foi feita a partir da intersecção dos estudos de gênero e sexualidade com os estudos da infância que problematizam a infância como construção sociológica. Como resultado, foram pontuados os principais modelos e ideais que referenciam a educação das meninas, problematizando a maneira pela qual estes pressupostos podem/devem ser revisados e ressignificados na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Meninas. Gênero. Feminilidade. Educação. Infância.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the factors that build and support a model of education for girls, which is indicated to be supported by socially diffused patterns of femininity. The investigation was based on the analysis of three books that are directed to girls, and that portrays their education in a certain historical moment, namely: *As Meninas Exemplares* by Condessa de Ségur; *The Great Big Glorious Book for Girls* by Rosemary Davidson and Sarah Vine and *As Meninas* by Lygia Fagundes Telles. The analysis was made from the intersection of gender and sexuality studies with childhood studies that problematizes childhood as a sociological construction. As a result, the main models and ideals that refer to girls' education were pointed out, questioning the

¹ Graduanda em Pedagogia Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

² Professora Doutora na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

way in which these assumptions can/should be revised and reinterpreted in contemporary times.

KEYWORDS: Girls. Gender. Femininity. Education. Childhood.

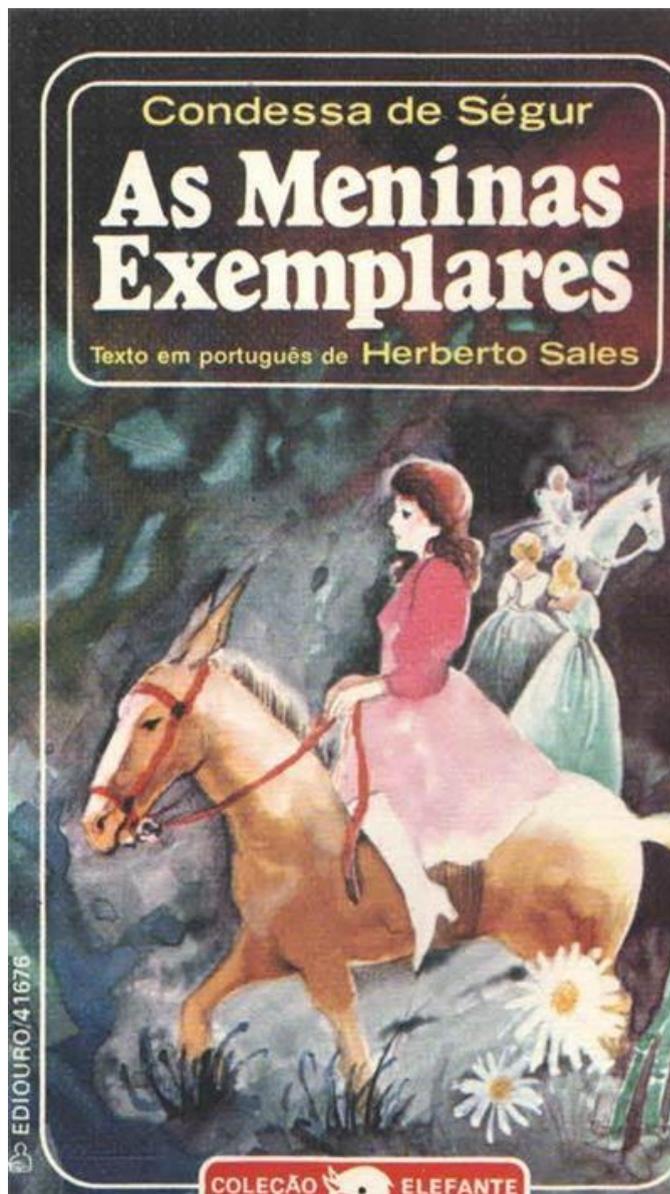
APRESENTAÇÃO

Este artigo é o resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada entre julho de 2020 e julho de 2021 com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, processo número 2019/25780-5, e é apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Pedagogia. A investigação se pauta especificamente na análise de três obras literárias que retratam a educação de meninas e mulheres em um determinado momento histórico, sendo elas: *As Meninas Exemplares* de Condessa de Ségur; *O Maravilhoso Livro das Meninas* de Rosemary Davidson e Sarah Vine e *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles. A análise foi realizada a partir da intersecção dos estudos de gênero e sexualidade com os estudos da infância que problematizam a infância como construção sociológica.

Dessa forma, essa investigação tem como finalidade indicar e examinar os aspectos da educação direcionada para meninas e mulheres que buscam enquadrar o comportamento, o corpo e o intelecto em um padrão difundido socialmente como uma condição do ser feminino que conseqüentemente, traz efeitos sobre a ideia de feminilidade, compreendida como correta e ideal para os sujeitos femininos. Deste objetivo mais geral, destacam-se os específicos que são: 1. levantar e analisar os estudos relativos à problematização da construção do gênero, sexualidade e da condição feminina ou do ser feminino; 2. analisar os pressupostos e ideais apresentados nas obras *As Meninas Exemplares*, *O maravilhoso Livro das Meninas* e *As Meninas*, a respeito da forma de socializar e educar meninas e 3. analisar e refletir sobre os pressupostos da educação de meninas nos diferentes contextos apresentados, observando suas continuidades e rupturas, e ao mesmo tempo, problematizando a maneira pela qual estes podem/devem ser revisados e ressignificados na contemporaneidade.

As autoras, as obras e os seus contextos

As Meninas Exemplares, Condessa de Ségur e a condição da criança e da mulher no século XIX



Fonte: Editora Ediouro, 2002

Condessa de Ségur, originalmente Sophie Rostopchine, nasceu em São Petersburgo, na Rússia, no dia 1 de agosto de 1799, em uma família pertencente à alta aristocracia. Em 1812, com o avanço das tropas napoleônicas, sua família foge para Paris. Já em 1819, se casa com conde de Ségur, com quem tem oito filhos e, posteriormente, dezenove netos, estes se tornando a fonte de inspiração de sua produção literária. A aristocrata inicia sua carreira tardiamente, aos cinquenta e dois anos de idade, após cumprir com o papel social destinado às mulheres pertencentes à nobreza de sua época (LEÃO, 2009, p. 162 - 163).

Lançada em maio de 1858 pela autora Condessa de Ségur, a obra *As Meninas Exemplares* se passa no século XIX em Fleurville, na França. Inicialmente publicados em folhetins, e posteriormente, organizados em uma coleção pela Biblioteca Rosa Ilustrada, os contos e romances de Ségur foram distribuídos em quiosques nas estações de trem, impulsionando sua distribuição pelo interior da França e de outros países do continente Europeu (LEÃO, 2009). No decorrer da história, é possível identificar narrativas que elucidam padrões de comportamento e se empenham em dirigir o (a) leitor (a) para uma conduta pautada na submissão aos valores cristãos, obediência, gentileza, ternura, caridade, bondade, honestidade e amor.

A história pessoal da Condessa de Ségur mistura-se a seu percurso profissional como uma perspectiva literária feminina que convinha a qualquer dama da aristocracia. A obra de Sophie de Ségur ocupa lugar de honra na história editorial francesa. Seu destino está ligado às regras políticas do Segundo Império. Em uma consonância entre o controle social propagado pelo governo e o objetivo do editor de atingir um mercado de massas para o livro infantil, os livros da Condessa deram bons frutos comerciais à empresa Hachette. (LEÃO, 2009, p. 163)

O romance infantil faz parte de uma série de livros da autora e aborda as aventuras de quatro jovens meninas: Madalena, Camila, Margarida e Sofia. O cenário onde se passa boa parte da trama é a mansão de Fleurville, localizada em um campo na região rural. Nela, residem a viúva senhora de Fleurville, suas filhas Camila e Madalena, que têm respectivamente 8 e 7 anos, a viúva senhora de Rosbourg, sua filha Margarida, de 4 anos de idade e a filha adotiva da senhora de Fleurville, Sofia, de 6 anos. Também residem no local os funcionários, assinalados pela autora a partir da utilização do termo *criado*, caracterização que remete ao contexto de colonialidade e carrega consigo conotação similar a de serviçal.

A presença de personagens masculinas no enredo é bastante escassa. Tal fator pode ser um reflexo do contexto sociocultural da aristocracia europeia do século XIX, cenário no qual a autora estava inserida. O casamento era encarado predominantemente como uma relação pautada no status, cuja finalidade era preservar as riquezas e a classe social das famílias. As mulheres ficavam encarregadas das responsabilidades da vida privada, dos cuidados com o lar e com os filhos, enquanto os homens eram direcionados para as questões da vida pública, logo, os maridos não constituíam presenças marcantes no lar.

Andréa Borges Leão (2009) assinala que: “O percurso editorial da obra seguriana não pode ser visto fora da configuração política e judicial do Segundo Império, que impunha ao negócio do livro uma rígida censura prévia à publicação” (LEÃO, 2009, p. 164 - 165). O trabalho literário de

Ségur passava por uma série de olhos atentos que tinham o direito de realizar intervenções e mudanças no conteúdo da obra, além de ter seu conteúdo fiscalizado e descrito em relatório. O historiador francês Philippe Ariès (1986, p. 129) que faz análises sobre o mesmo período, indica a existência de “ [...] uma grande reforma moral, inicialmente cristã e a seguir leiga, que disciplinou a sociedade aburguesada do século XVIII e sobretudo do século XIX, na Inglaterra e na França”. Nesse sentido, é possível situar a produção literária aqui analisada como um produto cultural do contexto de Ségur, que carrega consigo, os traços de suas condições sociais, culturais, políticas e históricas.

Ariès (1986) pontua a formação de uma nova concepção de infância que começou a emergir na Europa, mais especificamente na França, a partir do século XVIII. Segundo o historiador (1986), até a Idade Média, não havia diferenciação entre adultos e crianças, estas eram vistas como “adultos em miniatura”. A compreensão proveniente dessa nova mentalidade, originou a construção social do que Ariès (1986) coloca como *sentimento de infância* e a partir disso, foram sendo estabelecidas noções de diferenciação entre o universo infantil e o mundo dos adultos.

Da mesma forma que Ariès (1986) assinala a construção social do sentimento de infância, Elisabeth Badinter (1985) levanta a construção social do sentimento de maternidade. Segundo a filósofa (1985), quando o farol ideológico ilumina o pai, a mãe e a criança estão ocultas na sombra, porém, desde que a sociedade se volta para a sobrevivência e educação da criança, a mãe também passa a ser colocada como uma figura estrategicamente relevante. Assim, a maternidade surge como um conjunto de normas para guiar a atuação do papel social da mulher e que configura para ela uma condição de feminilidade:

A nova mãe é essa mulher que conhecemos bem, que investe todos os seus desejos de poder na pessoa de seus filhos. Preocupada com o futuro deles, limitará voluntariamente a sua fecundidade. [...] Por eles, esquecerá de contar seu tempo e não poupará nenhum esforço, pois os sente como partes integrantes de si mesma. As longas separações de outrora parecem-lhe insuportáveis.

Tem necessidade de sua presença à sua volta, ao mesmo tempo porque os ama mais e porque eles são sua principal razão de viver. O lugar privilegiado desses laços, o novo reino da mulher, é "a sua casa", fechada às influências externas.

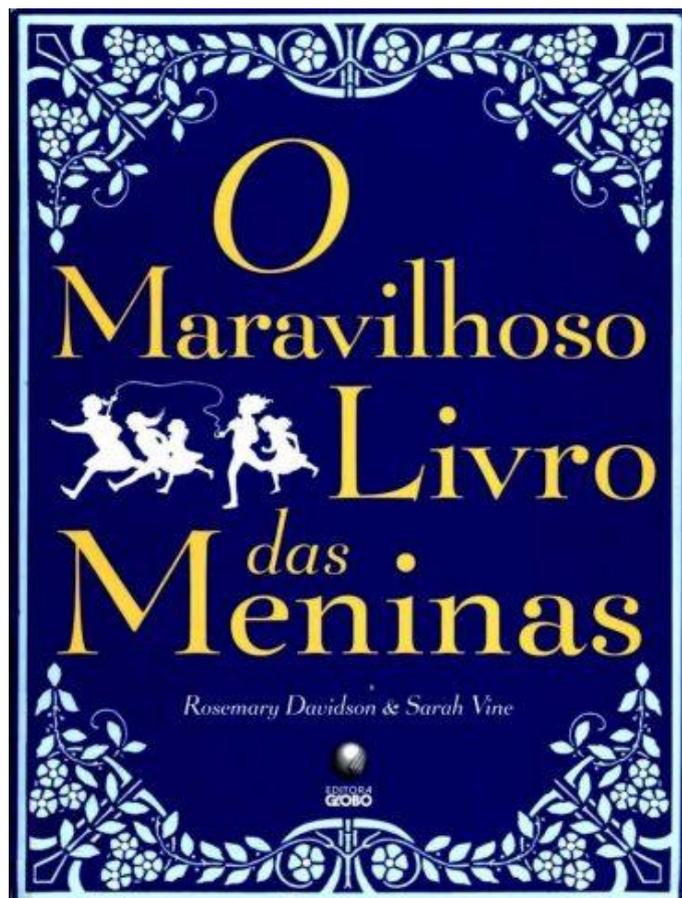
É portanto um novo modo de vida que aparece no final do século XVIII e que se desenvolverá no curso do século XIX. Voltada para "o interior", a "intimidade" que conserva bem cálidos os laços afetivos familiares, a família moderna se recentra em torno da mãe, que adquire uma importância que jamais tivera. (BADINTER, 1985, p. 211 - 212)

Ségur, por meio de sua obra, constrói significados, afetos, objetivos e efeitos que atuam na constituição dos sujeitos, e que capacitam a produção de apropriação,

identificação e criação de conteúdos por parte dos (as) leitores (as). Dentre as intenções de sua literatura, destaca-se o teor pedagógico presente nos exemplares, que compõem um material capaz de atuar como um instrumento de ensino normatizante. Ao inserir mães e meninas nos papéis centrais de sua narrativa, Ségur fornece exemplos de modelos de maternidade e de infância transpassados por concepções de moral e de bons costumes pautados no viés cristão.

As figuras femininas presentes no enredo aparecem predominantemente conectadas à maternidade, são responsáveis pela educação e pelos cuidados com suas crianças, estão vinculadas ao lar, à religião, são limitadas ao âmbito doméstico. Para as meninas, as brincadeiras de casinhas e bonecas são um prognóstico de seus destinos como esposas, mães e donas de casa, uma vez que criam, conduzem e desenvolvem perspectivas, aspirações e desejos envoltos nesses arquétipos de feminilidade.

O Maravilhoso Livro das Meninas, Rosemary Davidson, Sarah Vine e o Universo Feminino



Fonte: Editora Globo, 2008.

De acordo com o trecho de informações sobre as autoras de *O Maravilhoso Livro das Meninas*, Rosemary Davidson cresceu em Country Down, na Irlanda do Norte. Davidson mora em Londres com seus filhos e é editora e tradutora de livros infantis. Ao buscar mais informações sobre a biografia da escritora, a mesma apresentação que consta na obra, aparece também em outros sites, não sendo possível obter dados mais detalhados.

Já Sarah Vine, por outro lado, é casada com um político filiado ao Partido Conservador do Reino Unido, Michael Gove. Dessa forma, é possível encontrar diversas informações sobre a escritora, especialmente notícias em tablóides ou sites de fofoca. Nascida em abril de 1967, no País de Gales, foi colunista do jornal *The Times* por 15 anos até que, em 2013, virou uma colunista no tabloide *The Daily Mail*. O matrimônio com Michael Gove é bastante significativo para situar os contextos político e social nos quais a autora está inserida: o Partido Conservador do Reino Unido foi fundado em 1834 e constitui representação política proveniente do Partido Tory, o qual era composto a partir da aristocracia britânica que apoiava a monarquia. Dentre os valores fundamentais da organização política, consta a preservação de valores e instituições culturais tradicionais.

O Maravilhoso Livro das Meninas, lançado em 2007, é um almanaque organizado a partir das estações do ano, cuja principal finalidade é abordar as temáticas do *universo feminino*. Fazendo uso do modo imperativo, as autoras estabelecem uma interlocução direta com a leitora, como se fosse uma conversa entre amigas, e, de forma singela e descontraída, estruturam um manual de instruções de boas condutas para meninas.

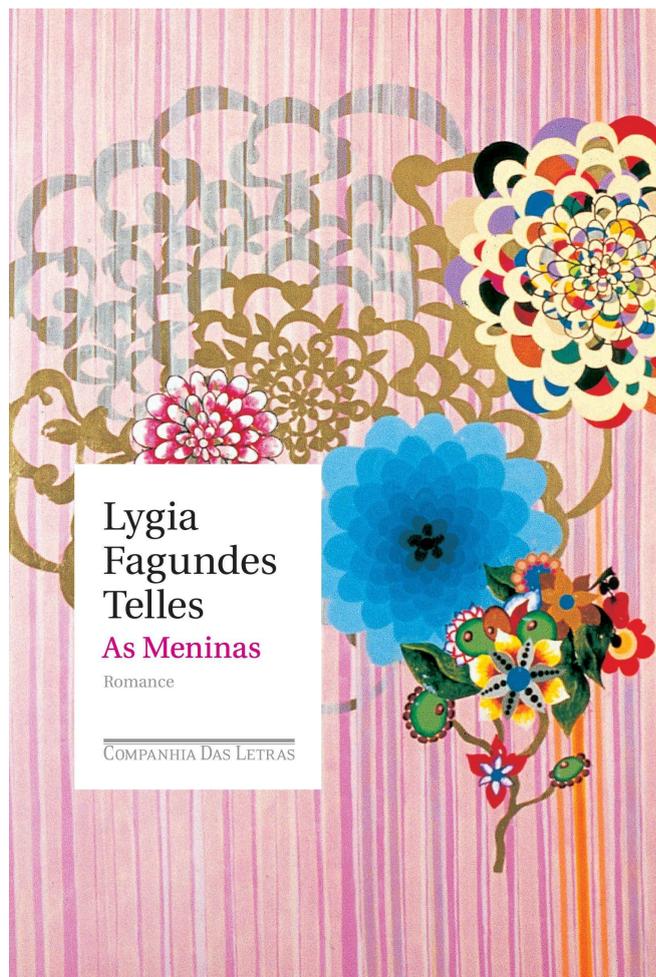
Dispondo de um discurso instrucional e pedagógico, Davidson e Vine encaminham a leitora para a adoção de uma conduta que vai ao encontro de valores sociais hegemônicos da cultura ocidental. Os aconselhamentos sobre como se comportar, como se vestir e para quais atividades direcionar a atenção, são elementos presentes ao longo de toda a obra. No primeiro parágrafo do capítulo *Agulha e Linha*, constam as seguintes informações:

No passado, fazia parte da educação das meninas aprender a costurar, bordar e dominar outras técnicas manuais. A revolução feminista e a luta por igualdade entre os sexos, porém, associaram a essas atividades o rótulo de "coisa menor", sem utilidade. Depois de séculos dedicados às agulhas e linhas e às tarefas "do lar" — enquanto os homens iam batalhar pela sobrevivência da família —, as mulheres deixaram suas caixas de costura de lado e se juntaram aos parceiros. O resultado foi o aumento da renda doméstica, mas também o abandono dos pequenos prazeres que fazem parte do universo feminino desde o tempo de nossas bisavós (DAVIDSON, R., VINE, S., 2008, p. 8).

Davidson e Vine atribuem ao movimento feminista e a luta pela igualdade de gênero a responsabilidade por associar uma perspectiva que inferiorize e desqualifique atividades manuais culturalmente praticadas por meninas e mulheres. Ao direcionar uma crítica para a Revolução Feminista que retira o foco das reivindicações em prol de igualdade social, política e jurídica entre sujeitos femininos e masculinos, e que, desconsidera o caráter progressista do movimento, as autoras fornecem uma amostra do conservadorismo que irá conduzir boa parte do conteúdo presente no almanaque.

Ao contrário do que as autoras afirmam, o feminismo tem como viés a promoção do empoderamento feminino e a busca pela garantia do direito das mulheres exercerem as mesmas funções sociais e políticas que os homens. O mérito pela vinculação das atividades exercidas por mulheres ao rótulo de “coisa menor” deve ser atribuído ao sistema patriarcal, que, não só mantém o predomínio de homens em posições de poder, liderança, autoridade e privilégio, como também corrobora com a edificação e fortalecimento da noção de papéis sociais pré estabelecidos para homens e mulheres. Assim, é instituída e naturalizada na sociedade, uma hierarquia de gênero que desqualifica e deprecia quaisquer aspectos relacionados às vivências femininas.

Ao reduzirem a participação feminina no mercado de trabalho ao aumento da renda doméstica, as autoras indicam pertencimento a um lugar privilegiado na estrutura social, uma vez que, para muitas outras mulheres de classes socioeconômicas mais baixas, o trabalho já era uma realidade. Além disso, a afirmação despreza e minimiza a oportunidade de emancipação e de participação na esfera social para mulheres que antes, estavam completamente sujeitas a manutenção de casamentos, entendidos como os ofícios femininos. O caráter tradicionalista também marca presença e é expresso na introdução, quando as autoras pontuam que o conteúdo de seu livro pode, ao mesmo tempo, agradar três gerações: “Em resumo, *O Maravilhoso Livro das Meninas* é um tipo de leitura capaz de agradar até à sua mãe e sua avó!” (DAVIDSON, R., VINE, S., 2008, p. 6).



Fonte: Companhia das Letras, 2009

Nascida em 19 de abril de 1918 na cidade de São Paulo, Lygia Fagundes Telles entendia a função do escritor como “ser testemunha de seu tempo e da sua sociedade”. A autora considerava sua obra engajada, comprometida com a árdua condição dos indivíduos de seu país e almejava expressar a realidade através de sua literatura. Pertencente à classe média urbana branca, com dois diplomas de curso superior, Telles representa o novo modelo de mulher apontado por Ilze Zirbel (2007), transgressora de valores e envolta de reflexões acerca de sua condição social. Para ela, o matrimônio, a maternidade e a vida doméstica já não atuavam mais como propósito absoluto de sua existência. Lygia Fagundes Telles faleceu no domingo, 3 de abril de 2022, aos 103 anos de idade, deixando seu legado na literatura brasileira e uma contribuição imensurável para a representatividade feminina na sociedade.

O romance *As Meninas*, publicado em 1973, pela autora Lygia Fagundes Telles, gira em torno da vida de três jovens universitárias: Lorena, Lia e Ana Clara, que moram em um pensionato de freiras, na década de 1970, período em que o Brasil enfrentava a

repressão da ditadura militar. Apesar de o local no qual a história se passa não ser explicitado, existem elementos que indicam ser a cidade de São Paulo. A narração do romance é estruturada por meio do fluxo de consciência e do discurso indireto livre, oscilando entre cada uma das três figuras principais e a autora. Assim, ao passo em que as personagens vão estabelecendo as associações dos tópicos abordados, suas subjetividades são exploradas de maneira profunda. As meninas abordam os acontecimentos de suas vidas e expõem opiniões sobre a vida das amigas, garantindo ao leitor múltiplas interpretações.

Lorena é estudante de direito e descende de uma família rica de fazendeiros. Caracterizada como uma moça fina, organizada, asseada e com gosto requintado, a jovem é católica, romântica, sonha em se casar e conserva sua castidade, apesar de ser amante de um homem mais velho, casado e com filhos. Lorena representa a figura de feminilidade modelo na perspectiva da sociedade burguesa, patriarcal e urbana da época.

Lia, veio da Bahia para se tornar estudante de Ciências Sociais. A jovem é militante de esquerda e luta contra a ditadura. Seu namorado é preso político e diversos amigos e colegas ativistas têm desaparecido sem deixar rastros. Já Ana Clara, é modelo e estudante de psicologia. Sua história carrega marcas que fazem jus à realidade de milhões de brasileiros. Ana Clara nunca teve contato com seu pai e, em sua infância, foi vítima de violência sexual. Os primeiros anos de sua vida são bastante conturbados, sendo a pobreza, a miséria e a violência os aspectos centrais desse momento.

Ao longo do enredo, Lorena, Lia e Ana Clara manifestam atitudes e posicionamentos que indicam tentativas de transgredir os limites de atuação determinados aos sujeitos femininos em meio ao modelo capitalista de dominação patriarcal, buscando se desvencilhar das perspectivas de futuro, de comportamento e de papel social que lhes são colocadas. Porém, ao fim do romance, como uma expressão da rígida coibição a qual o sistema patriarcal submete as trajetórias femininas, cada uma das personagens se encontram tragicamente em posição de subserviência às figuras masculinas presentes em suas vidas, imersas nas situações as quais tanto tentaram fugir.

Restritas à esfera da vida privada, cerceadas por valores patriarcais e convenções sociais que inviabilizavam a participação feminina na produção intelectual e nas esferas da vida pública, a atuação de mulheres no meio literário brasileiro era praticamente nula até o século XX. Natália Ruela (2009, p.45) aponta que, até então, a construção literária era de autoria masculina, e estava inscrita na esfera da cultura hegemônica patriarcal. Obras de autorias femininas, utilizavam como estratégia a publicação com pseudônimos

masculinos para atingir aceitação e visibilidade. A representação de figuras femininas ocorria de forma estereotipada, rasa e dicotômica: quando a mulher não era retratada como um sujeito inseguro, frágil, incapaz, sonhador e romântico, a outra caracterização disponível era a de uma criatura sedutora, imoral, maldosa, perigosa e desequilibrada. (RUELA, 2009, p. 42)

Ao seu discurso, a literatura de autoria masculina atribuía o caráter de inquestionabilidade, sistematizando, naturalizando e difundindo a concepção de superioridade masculina. O homem é vinculado à mente e à racionalidade, enquanto a mulher é associada ao corpo e às emoções, assim, justificava-se e perpetuava-se a associação e restrição da mulher às funções biológicas, como a maternidade ou a sexualidade, enquanto ao homem estão dispostos ilimitados campos de atuação. (RUELA, 2009)

A produção literária de autoria feminina, a qual Telles é uma das pioneiras, abre alas para um novo contexto literário no cenário nacional: a ruptura de naturalizações e imposições presentes na estrutura da cultura hegemônica, levantando, discutindo e questionando as relações de gênero, suas diferenças e o lugar social da mulher. Neste momento, as mulheres deixam de lado seus pseudônimos masculinos e se assumem escritoras, sujeitos femininos que produzem literatura (RUELA, 2009, p. 46 - 47).

Caracterizada como uma mulher à frente de seu tempo, Telles compõe um trabalho literário de caráter subversivo às normas e valores vigentes em seu contexto sociocultural e político. O romance *As Meninas* é inserido nesta análise e seu cunho progressista evidentemente contrasta com o conservadorismo e o tradicionalismo existentes nas duas primeiras obras apresentadas: *As Meninas Exemplares* e *O Maravilhoso Livro das Meninas*. Porém, é possível identificar que os modelos de educação e de feminilidade examinados e apontados nos dois primeiros exemplares, de alguma forma, influenciam e transpassam a constituição da individualidade e da subjetividade das personagens de Telles, como expõe a mãe de Lorena por meio do seguinte comentário: “Li na minha adolescência um livro encantador, ninguém mais lê esse livro mas a geração da minha mãe se deliciou com ele, *As Meninas Exemplares*, da Condessa de Ségur, você já ouviu falar? Quando vejo Loreninha com seu jeito de menina antiga penso nesse livro.” (TELLES, 2009, p. 229 - 230)

Dessa forma, a produção de Lygia Fagundes Telles é aqui compreendida como uma encenação, um retrato ou até mesmo um relato do que vem a ser a realidade cotidiana da atuação social e da performance de gênero exercida por meninas e mulheres formadas a partir dos modelos de feminilidade e de educação elucidados nas obras *As Meninas Exemplares* e *O Maravilhoso Livro das Meninas*. O romance *As*

Meninas é utilizado então, como uma ilustração da realidade na qual a autora viveu, assim como Telles propõe ser a função de sua produção literária.

OS ATOS

No contexto teatral, os atos são as seções que compõem uma peça. Assim, as três obras literárias aqui utilizadas como objetos de estudo, são consideradas como atos, no sentido de serem escrituras e narrativas que irão expor, ilustrar e constituir os pressupostos, conceitos ou ideais de educação destinados às meninas e mulheres, os quais esta pesquisa tem o propósito de analisar.

No decorrer dos estudos, o conteúdo examinado nas obras se demonstrou entrelaçado de forma que, em muitos momentos se sobrepunham e se cruzavam. Assim, as obras *As Meninas Exemplares*, *O Maravilhoso Livro das Meninas* e *As Meninas* foram simultaneamente esmiuçadas, de modo que esta investigação se desenvolveu de maneira comparativa e contínua. Os pontos destacados em cada um dos exemplares foram divididos nas seguintes seções: 1. Práticas discursivas, comportamentais e corporais; 2. Estética; e 3. Construção da infância feminina, contando com subdivisões que compõem ramificações de toda estrutura examinada.

1. Práticas discursivas, comportamentais e corporais

As práticas discursivas são aqui compreendidas como: formas de se comunicar, de falar, os enunciados e os discursos que se voltam para ou sobre o público feminino, em especial, meninas. Já as práticas comportamentais e corporais compõem o campo das atitudes, dos gestos e dos comportamentos.

1.1. Comportamento docilizado

Foucault (1999) compreende como *disciplinas* os recursos capazes de tornar o corpo sujeito ao controle, colocando-o diante de uma relação de docilidade e utilidade. A partir da disciplina, o corpo é modelado para se enquadrar em um padrão capaz de responder às ordens, obedecer e ser hábil para corresponder à atuação para o qual foi treinado. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT, 1999, n.p.). Utilizando como respaldo os pressupostos apresentados por Foucault (1999), foram colocados em destaque uma série de elementos, entendidos aqui como as disciplinadores do corpo feminino.

“A senhora de Fleurville era mãe de duas meninas muito boazinhas, gentis e amáveis, e que tinham uma pela outra a mais terna amizade” (SÉGUR, 2011, n.p.). Dessa maneira se inicia a

primeira frase da obra *As Meninas Exemplares* por Condessa de Ségur. A constante ênfase e exaltação em torno de características como bondade, gentileza e carinho são aspectos que se fazem bastante presentes na obra, tais manifestações podem abarcar tanto as personagens das crianças, quanto as das mães:

A senhora de Fleurville, e a sua amiga, senhora de Rosbourg, eram muito bondosas e meigas para com as filhas, mas sem as estragarem com mimos. Zelavam constantemente pela felicidade e pela satisfação das meninas, mas não esqueciam o seu aperfeiçoamento. Assim, ao mesmo tempo que as faziam muito felizes, também as tornavam bondosas, sempre dispostas a esquecer-se de si próprias para se dedicarem ao bem-estar dos outros” (SÉGUR, 2011, n.p.).

Badinter (1985, p. 191) destaca uma série de discursos, práticas e exigências que buscavam situar o zelo pelos filhos como a ocupação mais agradável e interessante a ser desenvolvida por uma mulher, fator que vai ao encontro dos pressupostos apresentados na literatura Seguriana, que apresenta as mães como sujeitos dotados de bondade, compreensão e amor fraternal.

Apesar de não se apresentar de forma explícita, a passividade e a submissão são características para as quais ocorre um apelo que as personagens adotem. No trecho a seguir, extraído do livro *As Meninas Exemplares* por Condessa de Ségur, as crianças estão com receio de serem zombadas e o conselho que recebem de sua mãe, é o seguinte: “Se ele rir de vocês, aceitem os gracejos com delicadeza e com expiação pelo erro que cometeram” (SÉGUR, 2011, n.p.). É bastante frequente na obra que, mesmo colocadas diante de situações em que se desdobram conflitos capazes de resultar em emoções ou comportamentos negativos, as meninas sejam orientadas a resolver o problema com paciência, gentileza, carinho e amor.

Em *O Maravilhoso Livro das Meninas* por Rosemary Davidson e Sarah Vine, as autoras sugerem a seguinte maneira para que meninas se portem diante de uma situação incômoda: “Se alguém fizer uma pergunta, evite respostas curtas e secas, como "sim" ou "não". Um beijo ou um abraço são comuns em situações como essa. Seja simpática e não faça cara de pânico se o contato com um bigode causar incômodo! Esse martírio dura pouco.” (DAVIDSON, VINE, 2008, p. 287). Na obra de Ségur (2011), em meio aos aconselhamentos para que as crianças sejam “boazinhas” e “educadas”, é notável que as meninas sentem bastante receio de desagradar.

No exemplar *As Meninas* por Lygia Fagundes Telles, o bom comportamento também se apresenta com ênfase positiva: “Uma boa menina. Ana Clara também é uma boa menina, eu também sou uma boa menina.” (TELLES, 2009, p. 32); “Minha filhinha querida. Foi uma criança tão educada, tão gentil.” (TELLES, 2009, p. 237). Já a obediência, na obra de Ségur (2011) é, em alguns momentos, solicitada como conduta a ser adotada pelas crianças, e

em outros, surge como condição para o alcance do amor materno, como na fala da Senhora de Fleurville para Sofia, que sofria maus tratos da madrasta: “Deves pedir-lhe que ele [Deus] faça de ti uma menina tão ajuizada, obediente e boazinha, que o coração da tua madrasta se torne mais brando e tu possas viver feliz com ela.” (SÉGUR, 2011, n.p.).

Partindo da lógica na qual a passividade, a obediência, a gentileza e o carinho compõem o *ser educada*, quaisquer condutas que fogem dessas premissas são encaradas como falta de educação. Nesse sentido, meninas e mulheres que se posicionam, manifestam suas opiniões ou expressam alguma discordância, são assumidas como grosseiras, rudes, indelicadas ou mal educadas. Beauvoir (1967, p. 21) pontua a passividade como um traço socialmente construído e combinado ao gênero feminino no intuito de moldar um ideal de feminilidade. A autora aponta que mulheres são ensinadas que para agradar, é necessário se fazer de objeto, renunciar sua autonomia e, assim, quanto menos exercerem sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo, menos encontrarão nele recursos e maneiras de se afirmarem como indivíduos. (BEAUVOIR, 1967, p. 22).

Moreno (1999, p. 29) assinala que o ser humano é capaz de assumir variadas condutas. De todas as formas possíveis de atuação, cada sociedade opta por determinados modelos que vão se formando e sendo transmitidos ao longo do tempo, se tornando cada vez mais rígidos. O enaltecimento de aspectos como bondade, educação, gentileza, obediência, generosidade e o apelo em torno da atuação amorosa e carinhosa se consolidam no imaginário popular como características inatas e corretas acerca do comportamento de meninas e mulheres. Porém, assim como é apontado por Moreno (1999, p. 29): “se as condutas consideradas masculinas e femininas fossem espontâneas, naturais e predeterminadas, não seria necessário educar tão cuidadosamente todos os aspectos diferenciais; bastaria deixar que a natureza atuasse por si mesma.”

Nesse sentido, esses elementos são, na realidade, maneiras de disciplinar e controlar a conduta, o corpo e o intelecto feminino, situado em posição de utilidade e docilidade diante do contexto de exploração e dominação patriarcal. A não intervenção frente às dinâmicas que naturalizam desigualdades de gênero, é equivalente ao apoio do modelo vigente. Para promover a liberdade de escolha em torno da atuação social e das perspectivas de futuro para meninas e meninos, é necessário desenvolver modelos mais diversos. Se existe somente um modelo, as possibilidades são aceitá-lo ou recusá-lo; ao fomentar o surgimento de referências variadas, proporciona-se o aumento do grau de liberdade de atuação, de escolha e de possibilidades para os sujeitos. (MORENO, 1999, p. 74)

1.2. O Universo Feminino e a composição e associação de temáticas e interesses para o gênero feminino

A grande diferença entre meninos e meninas é que os garotos gostam de "fazer" coisas — dirigir carros, jogar bola, brincar, comer, soltar pum etc. —, enquanto as garotas gostam de "sentir" coisas — amor, amizade, felicidade, entusiasmo etc. As meninas são mais emocionais que os meninos. É claro que não se trata de uma regra absoluta: um garoto pode muito bem demonstrar mais sensibilidade, só que isso não é muito comum. Por isso, uma dica importante é lembrar de que a expressão dos sentimentos não é uma ação natural no mundo masculino.

Portanto, não se surpreenda se ele mudar a forma de tratá-la na frente de outras pessoas. Muitas vezes, a imaturidade pode fazer com que ele simplesmente a ignore quando estiver na presença dos amigos. Porém, tudo tem limite: caso o garoto a desrespeite na frente dos outros, esqueça. Além de imaturo, ele é um grosseiro!

Alguns garotos (mal acostumados pelas mães), podem acreditar que todas as coisas chatas da vida devem ser feitas por garotas. Limpar a casa, lavar e passar roupas e cozinhar são afazeres femininos. Para eles, restam as coisas boas: esportes radicais, bandas de rock e brincadeiras ousadas. Não deixe que essa tendência aumente!” (DAVIDSON, R., VINE, S., 2008, p. 290 - 291)

No trecho acima, apesar de, em um primeiro momento, as autoras orientarem suas leitoras a não aceitem desrespeito por parte dos meninos e que não permitam a manutenção de condições que as colocam exclusivamente como os sujeitos responsáveis pelos afazeres domésticos, ao longo do almanaque, são tenuamente sugeridas, compostas e associadas características ao gênero feminino que conduzem as garotas às responsabilidades do lar. Tais fatores expressam como a conexão entre a mulher e o âmbito privado está enraizada no senso comum, além de apontar também, a dificuldade de perceber os caminhos que proporcionam essa conjuntura na qual as meninas se tornam responsáveis pelas “coisas chatas da vida”.

A associação de elementos opostos entre o feminino e o masculino, elucidada a condição binária na qual as configurações sociais de cada um dos gêneros está submetida. O feminino é sentimental, contemplativo e sensível. Para meninas e mulheres, o discurso literário apela para os atrativos do lar e do espaço privado. Já o masculino, é vinculado ao uso da força física, da razão e até mesmo negligência os sentimentos e emoções. Aos meninos e homens estão dispostas as aventuras do mundo, o espaço público. Para Joan Scott (1995), o estudo das questões que acometem a formação de arquétipos para o gênero feminino, são indissociáveis do exame em torno da formação de uma representação que também se volta ao gênero masculino. Scott (1995, p. 75) aponta que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, pois ele é criado nesse e por esse universo masculino.

As três obras analisadas nesta pesquisa proporcionam amostras de atividades, habilidades, interesses e assuntos que são aglomerados, inseridos e situadas dentro de

uma zona denominada como *o Universo Feminino*: “Em resumo, *O Maravilhoso Livro das Meninas* é um tipo de leitura capaz de agradar até à sua mãe e sua avó! De olho na vida prática, as autoras do livro não se esqueceram de aspectos importantes no cotidiano das garotas. Vale conferir recomendações sobre beleza, saúde dos cabelos, cuidados com animais de estimação e (por que não?) etiqueta.” (DAVIDSON, R., VINE, S., 2008, p. 6 - 7). É possível observar a força e a potência constituída por essa ideia, pois, apesar de sua localização temporal, espacial, social e cultural, as conexões entre os processos que compõem paradigmas e arquétipos que se vinculam a um modelo hegemônico de feminilidade, se cruzam em diversas condições. Scott (1995), ao apontar uma construção cultural em torno dos papéis sociais exercidos por homens e mulheres, registra que, na análise da problemática proposta: “Em vez da busca de origens únicas, temos que pensar nos processos como estando tão interconectados que não podem ser separados” (SCOTT, 1995, n.p.).

1.3. Edificação de papéis sociais

A maternidade paira no senso comum como uma característica intrínseca ao gênero feminino. *O Maravilhoso Livro das Meninas*, em um capítulo dedicado ao Natal, discorre-se sobre curiosidades, apresenta-se receitas e decorações. Ao comentar a respeito de como confeccionar meias natalinas, Davidson e Vine (2008) inserem o seguinte comentário: “E mais: pode-se adicionar um novo enfeite a cada ano e, quando você tiver seus próprios filhos, pode dar a meia para eles!” (DAVIDSON, R. e VINE, S., 2008, p. 258). Um destaque extremamente significativo diante dessa passagem é o emprego do termo “quando”, manifestando a concepção de um destino já estabelecido para as leitoras. Essa conjuntura se torna ainda mais intrigante ao conceber que o público alvo é constituído por crianças, elemento indicativo a partir dos diversos aconselhamentos para que seja solicitada a ajuda de um adulto ao manusear objetos pontiagudos e/ou realizar receitas que precisam de uso do forno/fogão ao longo da obra.

O matrimônio também faz parte dessa premissa. No romance de Telles (2009), em um diálogo entre Lia e Lorena, Lia aponta que seus pais tinham esperança de que ela se casasse. O casamento também se faz bastante frequente nos devaneios de Lorena. Já para Ana Clara, o matrimônio é encarado como uma forma de ascender socialmente, pois seu noivo ocupa posição socioeconômica privilegiada. A expectativa de adequação aos papéis sociais atua como um dispositivo de poder, cerceando o corpo feminino, direcionando-o para a vida privada e delimitando suas capacidades, perspectivas e sua área de atuação frente ao contexto social. Diante das representações binárias de gênero, a mulher se educa e é educada para exercer os papéis de mãe, esposa e dona de casa.

1.4. *A sexualidade, a violência e as restrições encobertas pelo discurso da liberdade*

Mary del Priore (2013), atribui ao cinema norte americano a articulação de um novo ideal estético que associava a figura feminina à juventude, sensualidade e malícia, transformando mulheres em objeto de consumo. A historiadora (2013) aponta que, as revoluções feministas, ao mesmo tempo em que apresentam conquistas, trazem também armadilhas: como a cultuação do corpo perfeito, que repercute em ansiedade e frustração. O ideário social fetichista envolve a personagem Ana Clara, do romance *As Meninas*, em diversos momentos seu corpo e sua imagem são objetificados, como se fossem um bem de consumo para sujeitos masculinos.

Na contramão do movimento de libertação sexual da mulher bastante em alta nas décadas de 1960 e 1970, constam tentativas de normatização de sua conduta sexual por meio do apelo à virgindade, porém, vale ressaltar que a castidade, pureza e inocência se restringem somente às mulheres, podendo acometer alguns grupos de forma mais acentuada do que outros, como se expressa em um devaneio de Lorena: ““O tesouro de uma moça é a virgindade”, ouvi mãezinha dizer mais de uma vez às mocinhas que trabalhavam na casa da fazenda. Como nunca mais fez essa advertência, calculo que o tesouro só era válido para aquele tempo. E para aquele gênero de mocinhas, filhas de colonos ou órfãs.” (TELLES, 2009, p. 141). Apesar de Ana Clara manter relações sexuais com seu namorado e não se conservar virgem, como exige seu noivo, ela se porta como uma moça virgem para atender à demanda do pretendente, ocupando posição submissa para acatar as normas sociais do sistema patriarcal.

A normatização da conduta sexual também se manifestava com relação à orientação sexual, a homossexualidade é encarada como um desvio, tanto para homens quanto para mulheres, como expressa a frase de Lorena, a partir da utilização do termo *homossexualismo*, que situa relações homoafetivas em um campo patológico: “— Lia de Melo Schultz, poderia me conceder uma entrevista? Por obséquio, fique mais perto do microfone. Queria sua abalizada opinião sobre o homossexualismo feminino e masculino.” (TELLES, 2009, p. 211).

Ao examinar questões referentes à sexualidade, a violência sexual também é um fator que se faz presente. Apesar dos pensamentos de Ana Clara não se apresentarem de forma linear e coerente, é possível constatar que a jovem foi vítima de violência quando criança. A construção do fetichismo em torno das figuras femininas, pontuado por Priore (2013) pode se consolidar como um dos fatores responsáveis pela violência sexual contra mulheres, uma vez que ao colocar o corpo como objeto, é fomentada uma ideia de que o corpo feminino pode ser utilizado para satisfazer os desejos masculinos, conjuntura retratada e denunciada na produção literária de Telles.

1.5. Rivalidade Feminina

A rivalidade feminina é entendida neste estudo como uma construção discursiva fomentada na sociedade patriarcal e veiculada no senso comum que enfraquece a luta pela igualdade de gênero, pois, a difusão desse discurso, repercute em comportamentos e posicionamentos que inviabilizam a união e o suporte entre mulheres. Na obra, *As Meninas Exemplares*, constam comparações entre os comportamentos das crianças: “As suas amiguinhas são mesmo boazinhas para não ralharem contigo. Tens de ser bondosa e meiga como elas, minha querida, e serás amada como elas e bendita por Deus e pela tua mamã.” (SÉGUR, 2011, n.p.).

Tal conduta, age como um normatizador do comportamento feminino, e pode servir como um dos eixos que impulsionam a competitividade, resultando no desenvolvimento de uma rivalidade. Já na obra *As Meninas*, as reflexões de Ana Clara sobre as amigas expõem essa dinâmica já consolidada: “Vaca. Fez cara de espanto a vaca. Mulher é mesmo inimiga. [...] Ciúme porque sou bonita.” (TELLES, 2009, p. 83); “As duas têm inveja de mim porque sou bonita, elegante. Capa de revista.” (TELLES, 2009, p. 52)

No romance de Telles (2009), a rivalidade entre mulheres é uma dinâmica presente em diversas das interações entre as personagens femininas. Uma possível explicação para esse aspecto é o fato de, por se tratar de um romance infantojuvenil, constam, no enredo, desenvolvimentos de interesses românticos heteronormativos, sendo, essas situações, impulsionadoras da competitividade entre mulheres, pois, parte-se da premissa de que os sujeitos femininos são inimigos e devem concorrer entre si, na finalidade de ganhar a atenção ou o afeto da figura masculina.

Os discursos são realizados por mulheres e direcionados para mulheres. Tal conduta na realidade é ensinada e aprendida ao longo da constituição social, intelectual e psicológica de meninas e mulheres, e a partir disso, se difunde no meio social, se infiltra no meio cultural, e atua como um dispositivo de controle dos corpos femininos, modelando a perspectiva e o comportamento das mulheres umas para com as outras desde a infância.

2. Estética

Cada uma das obras analisadas nesta pesquisa faz parte de um determinado momento histórico, a noção e os entendimentos em torno da beleza vão se adequar aos padrões de seu tempo. No entanto, nas três obras, a preocupação em torno da forma como as figuras femininas se apresentam é um fator bastante presente.

2.1. Bonita, discreta, limpa, cheirosa, arrumada e jovem

A obra de Condessa de Ségur (2011) não proporciona muitos recortes capazes de explicitar a concepção em torno dos ideais de beleza de sua época, muito pelo contrário, Ségur é bastante sucinta e discreta ao descrever seus personagens. Uma possível explicação para essa dinâmica é a vinculação dessa produção literária com a igreja católica, pois, além da mulher ser considerada perigosa por sua beleza, associada à natureza, a sexualidade e ao pecado, também havia a compreensão de que os indivíduos eram modelados por Deus e quaisquer interferências no que era acreditado ser a “vontade divina”, constituiriam uma transgressão (PRIORE, 2013).

Porém, em um dos únicos trechos em que a descrição ocorre, é possível identificar componentes como discrição, simplicidade, decência, tons sóbrios e pudor nas roupas, acessórios e penteados. A tonalidade de pele branca, que caracteriza classes sociais mais abastadas no período da obra em questão, também pode ser pontuada como uma característica que dialoga com as concepções em torno do que é belo para o padrão de beleza desse contexto social e político. A discrição e simplicidade também marcam presença nas dicas de beleza e maquiagem de Davidson e Vine (2008, p. 108 - 109): “Evite cores fortes ou vistosas demais e mantenha a mão leve. Com esses cuidados, além de deixar seus pais satisfeitos, você começará a lidar com os artifícios da cosmética de maneira inteligente - evitando exageros que comprometam a elegância”.

Assim, mulheres que optam por modelos de moda e beleza que fogem dessa premissa, são alvo de julgamento e repúdio, como se expressa a partir da construção de uma imagem esdrúxula e vulgar para a Senhora Fichini, a madrasta violenta de Sofia e viúva que se casou mais de uma vez. Ana Clara, no romance *As Meninas* também é alvo de julgamento por parte da mãe de Lorena: “Dessa outra amiga de vocês não gosto muito, já que estamos na hora da verdade, deixa que eu diga, essa ruiva, estava outro dia numa boate com uma roda esquisitíssima. Bonita, sem dúvida, mas tão vulgar. Como é que se chama mesmo?” (TELLES, 2009, p. 230). Já para Ana Clara, “Mulher tem que ser assim mesmo. Se embonecar. Vestir coisas lindas” (TELLES, 2009, p. 179). Em ambos os casos, a estética não se pauta na vontade ou na expressão da individualidade, mas sim, na interpretação que será realizada pelo entorno social sobre o sujeito.

No capítulo sobre beleza e maquiagem, Davidson e Vine iniciam assinalando que o uso de maquiagem não é uma prática obrigatória e que não há problema caso não seja uma área de interesse da leitora, porém, na página seguinte, é comentado que: “Todas as garotas do mundo querem ter uma pele linda, macia e perfeita. Mas a Mãe Natureza criou espinhas” (DAVIDSON, R., VINE, S., 2008, p. 109). Apesar da tentativa de não realizar nenhuma imposição, o comentário das autoras apresenta uma norma comum em torno

das vontades e preocupações femininas que, conseqüentemente, compõe uma regra implícita.

Após uma recomendação para que suas leitoras façam uso de protetor solar, Davidson e Vine (2008) realizam o seguinte comentário: “Invista na saúde e evite rugas!” (DAVIDSON, R., VINE, S., 2008, p. 110). A princípio, pode parecer um apontamento desprezioso, porém, introduz uma preocupação incoerente para leitoras tão jovens que ainda precisam de autorização dos pais para usar maquiagem. Na trama *As Meninas*, o maior medo da mãe de Lorena é que sua idade seja descoberta:

Antes eu ficava em pânico com a ideia de morrer e Mieux ir bisbilhotar minha papelada, aquela papelada amarela que odeio, na certidão de óbito vem a idade, vem tudo. Só de imaginar a cara radiante que ele ia fazer quando descobrisse minha idade, rondou sempre querendo saber, não deixei. Nunca deixei. Na morte eu ficaria indefesa, está me compreendendo? Agora posso morrer sem medo, minha filhinha querida cuidará de tudo, aquele perverso não vai mais me humilhar. (TELLES, 2009, p. 238 - 239)

Priore (2013) aponta que, mesmo em meio ao progresso nas conquistas de direitos alcançados pelas mulheres, elas continuam submissas à cobrança de adequação do corpo a grandes modelos tradicionais e a necessidade de aprovação social. A associação entre juventude, beleza e saúde integra o que a autora chama de tríade de “perfeição física”: “As mulheres, mais e mais, são impelidas a identificar a beleza dos corpos com juventude, a juventude com saúde.” (PRIORE, 2013, n.p.). Tal dinâmica se expressa em cada um dos exemplares, revelando a complexidade diante do que se entende por beleza feminina. De qualquer forma, apesar das cobranças serem variadas, o resultado é um só: o descontentamento.

2.2. Descontentamentos

A obra *As Meninas*, é farta de recortes nos quais as personagens direcionam pensamentos negativos e comentários críticos sobre características de seu próprio corpo e características do corpo das amigas: 1. Lorena oferece meias emprestadas para Lia e, quando a amiga recusa, o seguinte pensamento lhe passa pela cabeça: “E nem vão servir, imagine, ela deve calçar quarenta. Que ideia usar meias que engrossam os tornozelos, a coitadinha está com patas de elefante. Ainda assim, emagreceu, subversão emagrece” (TELLES, 2009, p. 18); 2. Lorena comentando com Lia sobre seu exercício, manifesta que as suas pernas são finas demais, enquanto as da amiga são muito grossas: “— Este exercício é ótimo para engrossar as pernas, incrível como minhas pernas são finas. Você teria que pedalar ao contrário para afinar as suas — digo e seguro o riso.” (TELLES, 2009, p. 28); 3. Lia se assume gorda demais e pondera se deve comer chocolate: “Tiro da sacola dois tabletes de chocolate, um pra ele e outro. E outro pra ele também, decido. Atiro-lhe o segundo tablete, tenho que emagrecer uns cinco quilos, não tenho? Arranco-lhe da mão a minha parte e agora não posso responder porque estou de boca cheia” (TELLES,

2009, p. 131); 4. Ana Clara, apesar de ser considerada vulgar por algumas personagens, é modelo, se encaixa no padrão de beleza por ser branca, magra e alta e se julga elegante, enquanto Lia e Lorena são respectivamente consideradas por ela gorda demais e “sem graça”:

Descubro um biscoito debaixo do travesseiro. Mastigo devagar porque é um biscoito adocicado e não queria que ele acabasse logo, gosto tanto de açúcar, posso comer açúcar à vontade meu corpo é elegantíssimo não engordo. Posso comer açúcar aos montes e não acontece nada. Lião não pode. Ainda vai ficar obesa aquela lá, mais uns quilos e já pode vestir roupas de mãe de santo. Lorena não conta, é inseto. Existe inseto com problema de engordar? Um inseto. (TELLES, 2009, p. 81);

Mary del Priore (2013) aponta como a cultuação do corpo abriu brecha para constantes frustrações, descontentamentos e medo da rejeição social. Segundo a autora, as mulheres buscam uma constante adequação ao modelo estético assumido como belo.

3. Construção da infância feminina

A obra *As Meninas Exemplares* de Condessa de Ségur (2011) em diversos excertos, proporciona exemplos de brincadeiras, brinquedos e passatempos que são vinculados à feminilidade. Nos destaques, é possível identificar brincadeiras com bonecas e com utensílios domésticos - passatempo popularmente conhecido como “brincar de casinha”; a leitura de obras literárias e a confecção de ornamentos utilizando flores e/ou jardinagem também surge como um entretenimento.

O Maravilhoso Livro das Meninas por Rosemary Davidson e Sarah Vine (2008), conta com sugestões de passatempo que se assemelham ao exemplar de Ségur (2011) nos quesitos de jardinagem, leitura e confecção de ornamentos, porém, há também instigação de atividades culinárias, costura e brincadeiras ao ar livre como subir em árvores, escaladas e até mesmo brincadeiras e jogos com bola. A conexão entre literatura, artes e feminilidade também pode ser diagnosticada. A obra *As Meninas* incorpora o chá como uma atividade apreciada por Lorena. O bordado também é apresentado como um passatempo/habilidade exercida pela mesma personagem.

No exemplar *O Maravilhoso Livro das Meninas* constam diversas indicações e referências de passatempos e atividades que as meninas podem realizar com suas amigas. Ribeiro (2006, p. 155) levanta que o comportamento infantil passa a ser adestrado entre os 7 e os 14 anos de idade, especialmente com relação ao corpo e a conduta das meninas. A autora pontua que as meninas são orientadas a não se relacionarem e nem brincarem com meninos pois esse comportamento é encarado pelo meio social como algo inapropriado, e as jovens podem adquirir fama de “meninas não

direitas”, uma vez que as brincadeiras masculinas dispõem de violência e obscenidade como características marcantes.

Daniela Finco (2005) entende que o ambiente escolar proporciona aprendizagens em torno do estabelecimento de papéis sociais para o gênero masculino e para o gênero feminino: “Tal sistema define que, no futuro, os homens serão dirigentes no mundo do trabalho, enquanto às mulheres está destinado o segundo lugar nos processos de decisão. Isto imprime no inconsciente e no consciente das meninas um limite para suas ambições” (Alambert, apud Valenzuela e Gallardo, 1999, p.25 apud Finco, 2005, p. 8). Tanto no exemplar de Ségur (2011) quanto no de Davidson e Vine (2008) e de Telles (2010), os brinquedos, brincadeiras e atividades podem atuar como recursos didáticos na formação feminina, designando, direcionando e restringindo sua atuação em torno do âmbito privado.

Finco (2005, p. 14) também assinala uma preocupação marcante com os brinquedos utilizados pelas crianças. No imaginário de adultos obcecados com a sexualidade normalizante, qualquer ruptura das fronteiras de gênero, ou seja, a escolha por um brinquedo comumente direcionado ao gênero oposto, pode indicar uma anormalidade acerca da orientação sexual da criança. Ribeiro (2006) identifica conjuntura semelhante em seu estudo: “Então, brincar com as meninas significa submeter-se aos seus comandos, ao seu poder. Os meninos que aceitam o jogo conduzido pelas garotas são discriminados, estigmatizados como não tão homens.” (RIBEIRO, 2006, p. 160 - 161)

Os principais aspectos que caracterizam a infância feminina elucidados ao longo desta seção também podem ser pensados frente a um contexto no qual atuam como recursos educativos: a brincadeira de boneca e de “casinha”, apresentadas social e culturalmente como um gosto intrínseco às meninas, operam como sugestões, preparos ou até mesmo, direcionamentos para exercer o papel social de mãe e/ou dona de casa que, em alguns anos, surgem como locais de atuação feminina. Já os encaminhamentos para que meninas se relacionem majoritariamente com outras meninas, podem operar como dispositivos de poder, a fim de normatizar a conduta feminina, mantendo seu corpo resguardado e adestrado. A eficácia da atuação destes dispositivos de poder é expressa a partir da naturalidade na qual essas questões são abordadas nas relações cotidianas, a compreensão de que existem interesses e atividades inerentes a um determinado gênero é ensinada, reproduzida e aprendida socialmente.

Feminilidade

Sob diferentes concepções, um discurso ganhava a hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que as “mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”, ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do

caráter, sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas ou doses menores de instrução. (LOURO, 2006, p. 446).

O trecho acima trata de uma análise da sociedade brasileira no final do século XIX e início do século XX, porém, o contexto sociocultural brasileiro contemporâneo conta com muitos resquícios que transpassam, se entrelaçam e influenciam o desenrolar das relações de gênero e dos ideais de educação voltados para meninas e mulheres.

Simone de Beauvoir (1970, p. 145), analisando a forma como as mulheres foram submetidas a condição de *o outro sexo*, expõe a promoção de práticas de controle nas quais os homens são orientados a impedir que mulheres tenham acesso a instrução e cultura, além de reprimir quaisquer aspectos que possam possibilitar o desenvolvimento de individualidade ou indepedência por parte de sujeitos femininos. Com isso, pretende-se favorecer a aceitação e adequação das mulheres aos papéis de mães e esposas. Partindo do entendimento de que a feminilidade é fruto de processos sociais e históricos de uma sociedade criada e conduzida por homens, a autora afirma que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1967, p. 9)

Em 1975, Gayle Rubin se volta para os estudos do que denomina de “sexo/gênero”. Segundo a autora: “Um “sistema de sexo/gênero”, numa definição preliminar, é uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas. (RUBIN, 19--, p. 3)”. Estabelecendo uma diferenciação entre sexo e gênero, a autora situa o gênero no campo da construção social, afirmando se tratar de um produto das relações sociais de sexualidade (RUBIN, 19--, p. 27)

Judith Butler (2003), compreende o gênero como algo construído pelos sujeitos através das repetições de comportamentos, atos, posicionamentos e discursos. A filósofa entende a existência de imposições sociais em torno de práticas que são entendidas como masculinas ou femininas, apresentando, a partir disso, o conceito de performatividade do gênero. Assim, a performance de gênero diz respeito às aprendizagens realizadas por sujeitos femininos e masculinos que, ao serem colocadas em prática, irão consolidar algo socialmente compreendido como feminilidade ou masculinidade.

Através dos conteúdos, autoras e autores apresentados e explorados nessa investigação, é possível situar a feminilidade como uma construção coletiva

fundamentada a partir do conjunto e da associação de papéis sociais, práticas e comportamentos assumidos como corretos e ideais para sujeitos femininos. Os aspectos que compõem a feminilidade são elaborados através das relações sociais, culturais e políticas que, por sua vez, irão orientar a conduta corporal e intelectual de meninas e mulheres. Dessa forma, o que caracteriza uma menina/mulher feminina é a incorporação, adequação e prática dos pressupostos associados à performatividade do gênero feminino.

Algumas reflexões sobre as condições de gênero e o cotidiano escolar

Moreno (1999, p. 29) aponta que o ser humano é capaz de assumir variados comportamentos. De todas as formas possíveis de atuação, cada sociedade opta por determinados modelos que vão se formando e sendo transmitidos ao longo do tempo, se tornando normas rígidas de conduta. Tais normas são diferentes para homens e mulheres. De acordo com Gabriel (2018, p. 34), a literatura dispõe do potencial de agir como instrumento pedagógico e moralizante, podendo atuar como reforçador de valores e comportamentos, dinâmica que, por sua vez, pode corroborar para a assimilação e adequação das normas sociais apontadas por Moreno (1999). A autora (1999, p. 74) chama atenção para a questão de que, a não realização de uma intervenção frente às dinâmicas que naturalizam desigualdades de gênero, é equivalente a apoiar o modelo vigente.

Para elucidar a liberdade de escolha em torno da atuação social e das perspectivas de futuro para meninas e meninos, é necessário desenvolver modelos mais diversos. Se a diversidade de arquétipos é restrita, as possibilidades são aceitá-las ou recusá-las; ao fomentar o surgimento de referências variadas, proporciona-se o aumento do grau de liberdade de atuação, de escolha e de possibilidades para os sujeitos. Buscando promover a igualdade de gênero, a educação antissexista ou não-sexista elucidada possibilidades para práticas pedagógicas rumo a superação de lógicas segregatórias, normatizantes, excludentes e ultrapassadas.

A educação antissexista tem como finalidade principal a promoção da igualdade de gênero na sociedade. Para isso, é necessário reconhecer a existência de atos discriminatórios, a presença de preconceitos e de estereótipos no contexto social, que se refletem, se adentram e se perpetuam nas práticas pedagógicas, marcando presença na esfera educacional. Admitido o problema, a solução é traçar uma trajetória contrária a esta lógica.

Chimamanda Ngozi Adiche (2017), em *Para Educar Crianças Feministas - Um Manifesto*, assinala quinze sugestões direcionadas a uma amiga que pediu ajuda para fornecer uma criação feminista à filha. Interseccionando os princípios pontuados por Adichie (2017) com os debates e conjunturas da área educacional, é possível elucidar aqui, alguns pressupostos capazes de promover uma educação e práticas pedagógicas a partir da perspectiva não-sexista.

Assim, pensando no contexto da atuação docente, em primeiro lugar, é interessante evitar divisões das crianças pautadas no gênero, seja para organizar atividades, filas, ou quaisquer outras dinâmicas no cotidiano escolar. Existem outras maneiras de acomodar alunas e alunos sem promover a perspectiva binária de gênero. Além disso, é válido estimular a participação colaborativa de meninas e meninos quando for solicitada ajuda nas práticas de organização e limpeza da sala de aula, a fim de extinguir a noção de que tais responsabilidades seriam estritamente femininas.

Na perspectiva dos adultos, as crianças geralmente são vistas como sujeitos incapacitados e dependentes. No panorama da cultura infantil, as crianças são entendidas como seres ativos, capazes de realizar interpretações, de produzir sentido; são produtoras de cultura, capacitadas e dotadas de história. Daniela Finco (2005, p. 10) ao analisar as brincadeiras de meninas e meninos na faixa etária entre 4 e 6 anos, aponta que as crianças não manifestam sexismo, estereótipos dos papéis sexuais, preconceitos, comportamentos pré-determinados e discriminações na forma como esses fatores se expressam na cultura adulta, afirmando que a oposição e hierarquia entre os gêneros é aprendida por alunas e alunos ao longo do tempo em que permanecem na escola.

Em muitas instituições e práticas, essas concepções foram e são aprendidas e interiorizadas, tornando-se quase “naturais”. A escola é parte importante neste processo. Tal “naturalidade” tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas. (LOURO, 1997, p. 56 apud FINCO, 2005, p. 9 - 10).

Dessa forma, é válido salientar a urgência de uma formação continuada para professoras (es) que contemple os estudos e debates em torno das questões de gênero. Além disso, é necessário que o debate se estenda para os outros profissionais que atuam no âmbito escolar. Também se faz indispensável, a promoção de conversas e questionamentos em torno dos papéis de gênero em conjunto com as crianças como uma forma de elucidar a consciência acerca dos discursos, do uso da linguagem e normatizações de conduta que podem transpassar as vivências e processos formativos de meninas e meninos.

Ao longo desta investigação, evidenciou-se a construção social e discursiva de arquétipos, estereótipos e papéis sociais para os gêneros feminino e masculino. A feminilidade, em geral, é associada a sensibilidade, delicadeza, discrição, fragilidade, submissão e à esfera doméstica, contendo um apelo aos cuidados do lar, dos filhos e do marido; enquanto a masculinidade se estrutura antagonicamente, por meio da agressividade, racionalidade, liberdade de atuação e participação na esfera pública, negligência e repelimento da manifestação de emoções.

Diante dessa dinâmica, urge a necessidade de práticas educativas capazes de proporcionar perspectivas, aspirações, desejos e possibilidades variadas para as crianças. Se as meninas são amplamente acometidas por expectativas e cobranças em torno do matrimônio e dos cuidados com o lar, por exemplo, se faz necessário romper com a perspectiva de casamento como a maior realização na vida de uma mulher. Cabe à educadora ou ao educador apresentar possibilidades variadas de atuação e de modelos sociais que podem ser exercidos. Se os meninos são constantemente estimulados a acobertar as emoções, é primordial lhes proporcionar abertura para diálogos acerca dos sentimentos, além de um ambiente acolhedor que veicule modelos diversificados de masculinidade.

Assim como é salientado por Adichie (2017), é necessário que as diferenças sejam tornadas algo comum: “Porque a diferença é a realidade de nosso mundo. E, ao lhe ensinar sobre a diferença, você a prepara para viver num mundo diversificado.” (2017, p. 76). A literatura se apresenta como uma importante ferramenta fundamental nessa dinâmica, uma vez que, além de agir como um dispositivo transmissor de valores, também atua diretamente na construção da identidade dos sujeitos. A apresentação de áreas de atuação e possibilidades variadas para cada gênero, vinculada ao exercício de questionamentos e discussões em conjunto com as crianças são o primeiro passo rumo a uma trajetória que se objetiva a promoção de relações sociais mais justas, igualitárias e livres de preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa, ao selecionar obras vastamente difundidas e de amplo acesso nas sociedades ocidentais, como *As Meninas Exemplares* de Condessa de Ségur; *O Maravilhoso Livro das Meninas* de Rosemary Davidson e Sarah Vine e *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles, teve a finalidade de realizar um exame crítico e minucioso em torno dos conteúdos presentes nos exemplares, as composições narrativas, as práticas

comportamentais, os modelos corporais, os padrões estéticos e as representações de gênero e da infância sob a perspectiva da feminilidade, expressas nessas obras.

Fúlvia Rosemberg (1984), ao examinar a produção literária infanto-juvenil brasileira, assinala uma dinâmica na qual o adulto, sujeito que elabora o conteúdo, detém poder em relação à criança, sujeito que consome o conteúdo. Delimitando como enfoque da análise, obras escritas para jovens e crianças, reeditadas entre os anos 1955 e 1975, a autora observou que os homens ocupavam a maior parcela da produção e que, no enredo, o protagonismo também era majoritariamente exercido por sujeitos masculinos. Nos exemplares, o conteúdo gira em torno de um princípio moral, inserido na produção com teor didático.

As mulheres ocupam papel coadjuvante e em muitas circunstâncias apresentam traços e atributos estereotipados (ROSEMBERG, 1984, p 98). A discriminação racial também é um fator apontado: o indivíduo branco é regularmente colocado como o modelo, o representante da espécie humana; enquanto o negro é vinculado à sujeira e à maldade. Apresentando algumas porcentagens, Rosemberg assinala que 38% das personagens femininas são retratadas com enfoque em seus aspectos físicos, já as personagens masculinas, o percentual é de 10%. Com relação às referências de trabalho, as personagens masculinas têm esse dado apontado em 29% dos casos, enquanto para as femininas, esse valor é de apenas 4,7%, sendo que, o cargo mais frequente, para homens, é o de chefe (8%) e para mulheres, empregada doméstica (13%).

Nathalia Chacão Gabriel, (2018) sinaliza a literatura infantil como um artefato não neutro, dotado de intencionalidade e situado diante de um determinado contexto cultural. É através da literatura que crianças e jovens assimilam e reproduzem princípios e normas da sociedade, visto que é comum que as produções literárias direcionadas ao público infantil carreguem consigo um papel pedagógico e moralizante. Dentre os padrões apresentados, reproduzidos e perpetuados através das obras literárias, estão também expectativas e modelos performáticos para a feminilidade e para a masculinidade, inculcando desde muito cedo, perspectivas binárias de gênero para meninas e meninos.

A instituição escolar, os conhecimentos, conteúdos, informações, princípios, materiais didáticos, produções literárias por ela (re)produzidos, são aqui encarados como artefatos capazes de atuar diretamente nos processos de socialização dos indivíduos e na constituição de suas individualidades, impactando diretamente na forma como os sujeitos enxergam si próprios e o mundo. Essa dinâmica pode seguir um

caminho de manutenção das antigas hierarquias sociais e posições de privilégios ou de promoção de uma sociedade igualitária.

No decorrer desta pesquisa, nos deparamos com diversos estudos que se propuseram a analisar e debater acerca de problemáticas no contexto escolar, em especial, as que são enfrentadas por grupos sociais minoritários, como o racismo, machismo, intolerância religiosa, segregação social, lgbtphobia, ou ou quaisquer outros embates que possam surgir no contato com as diversidades e as diferenças. Uma questão que se demonstrou corriqueira é a não identificação, ou então, a não aceitação da presença desses conflitos no contexto educacional. Porém, ao tentar afirmar a escola, a educação e as práticas pedagógicas como dispositivos neutros e livres de discriminações, ocorre uma omissão e deslegitimação dessas conjunturas, reforçando estigmas e estereótipos.

Dessa forma, é necessário destacar a urgência para examinar, identificar e afirmar a existência de práticas segregatórias, normativas e discriminatórias no contexto educacional, para que se possam desenvolver trajetórias rumo à superação dessas lógicas. A escola e a literatura podem atuar como dispositivos de construção da autonomia e de novas perspectivas para sujeitos que, há anos, têm sido conduzidos à marginalização e exclusão social. Gabriel (2018, p. 35), aponta como uma forma de reduzir noções estereotipadas e promover questionamentos em torno das concepções de masculino e feminino, é promover o contato das crianças com literaturas que apresentem representações de gênero variadas e sujeitos de diferentes etnias. Além disso, é possível promover, em conjunto com as crianças, práticas pedagógicas que suscitem questionamentos e debates em torno de materiais e produções que apresentem realidades ultrapassadas, pautadas em valores conservadores.

“Podemos reconhecer a literatura infantil como ferramenta privilegiada para discutir com as crianças as transformações nos valores da nossa sociedade atualmente. Os saberes presentes nesses materiais podem integrar o currículo na educação infantil, na construção de um projeto que eduque meninas e meninos, construindo uma educação para a igualdade de oportunidades, contra as violências de gênero, que ofereçam às crianças modelos mais expressivos, mais livres dos estereótipos. (FINCO e SEVESO, 2018, p. 217 apud GABRIEL, 2018, p. 35)”

Esta investigação está longe de esgotar o leque de estudos em torno de gênero, infância e feminilidade, mas a partir dela, pretende-se assinalar caminhos e possibilidades teóricas e metodológicas para dar continuidade às pesquisas da área. Dessa forma, é significativo salientar a relevância do enfoque de estudos acerca da colonialidade, raça e classe frente à epistemologia feminista. Além disso, é

indispensável pontuar a importância dos estudos de gênero que realizam interseção com a sociologia da infância, dada a contribuição desses estudos para a elaboração e difusão de uma pedagogia não-sexista.

REFERÊNCIAS:

ABL (Academia Brasileira de Letras). **Lygia Fagundes Telles: Biografia**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/biografia>>. Acesso em: 20 de novembro de 2020 às 12h.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. tradução: Denise Bottmann. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Infância e da Família**. 2ª ed. Tradução: Dora Flaskman. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAVOUIR, Simone de. **O segundo sexo I – fatos e mitos**: 4ª ed.. Tradução de Sérgio Millet, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BEAVOUIR, Simone de. **O segundo sexo II: a experiência vivida**: 2ª ed.. Tradução de Sérgio Millet, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução por Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DAVIDSON, Rosemary; VINE, Sarah. **O maravilhoso livro das meninas**: 1ª ed.. Tradução por Rosemarie Ziegelmaier, São Paulo, Editora Globo, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FINCO, Daniela. **EDUCAÇÃO INFANTIL, GÊNERO E BRINCADEIRAS: DAS NATURALIDADES ÀS TRANSGRESSÕES**. GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos / n.07, 2005.

GABRIEL, Nathalia Chacão. **Literatura infantil sobre príncipes e princesas e a educação da infância: Gênero sob a ótica das crianças**. Guarulhos, 2018. p. 104. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2018.

HOOKS, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.

LEÃO, Andréa Borges. **A Condessa de Ségur no Brasil – Fortuna editorial e recreação literária nas Edições de Ouro.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

LEÃO, Andréa Borges. **Além da nação: Sophie de Ségur no campo literário infantil brasileiro.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n°. 34. Brasília, julho-dezembro de 2009, pp. 157-178

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola.** tradução: Ana Venite Fuzatto. São Paulo: Moderna, Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo, Editora Contexto, p. 443 – 481, 2006.

PRIORE, Mary Del. **Histórias e Conversas de Mulher.** 1ª ed. São Paulo: Planeta. 2013.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. **Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças.** Cadernos Pagu, janeiro-junho de 2006: pp.145-168.

ROSEMBERG, F. **Literatura infantil e ideologia.** São Paulo: Global editora, 1984.

RUELA, Natália. **Feminismo e construção de identidades femininas: As Meninas de Lygia Fagundes Telles.** Maringá, 2009.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, Jul/Dez de 1995. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> > Acesso em: 16 de abril de 2019, às 15h30.

SÉGUR, Condessa de. **As Meninas Exemplares.** Tradução por Raquel Mouta, Oficina do Livro, 2011.

SILVA, Adriana, FARIA, Ana, FINCO, Daniela (orgs). “Isso aí é rachismo!” Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas: transformações emancipatórias para pedagogias descolonizadoras. São Carlos, SP, 2019

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Livros perigosos para garotos e maravilhosos para meninas: o gênero social diferenciando o gênero discursivo.** Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Agosto de 2009. Caxias do Sul - RS - Brasil.

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas.** 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: Um Debate / Ilze Zirbel - Florianópolis: UFSC, 2007**